



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo temático: Currículo, Ensino, Aprendizagem e Avaliação.

PRÁTICAS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA: O QUE FAZEM OS PROFESSORES NA SALA DE AULA?

Sirlene Barbosa de Souza – UFPE

Resumo

A presente pesquisa pretendeu investigar as práticas de ensino da análise linguística de duas professoras que lecionavam em turmas do 2º Ano do 2º Ciclo, nas redes municipais das cidades de Recife e Olinda. Buscamos compreender como as docentes desenvolviam as atividades relativas ao ensino dos conhecimentos linguísticos, bem como os materiais didáticos por elas utilizados no desenvolvimento de suas aulas. Os resultados revelaram que uma mescla de perspectivas permeava os fazeres pedagógicos das professoras e que elas buscavam diferentes caminhos teórico-metodológicos para abordar o eixo que trata da análise e reflexão sobre a língua. Os dados apontaram, também, a necessidade de uma formação inicial e continuada que permita aos docentes o aprofundamento dos conhecimentos referentes ao eixo da análise linguística.

Palavras-chave: Língua portuguesa e ensino; ensino da gramática; práticas de análise linguística.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, mais precisamente a partir das décadas de 1980 e 1990, vivemos uma redefinição bastante marcante quanto aos objetivos do ensino de Língua Portuguesa. As mudanças nas concepções de língua têm repercutido nas prescrições para o tratamento didático dos eixos que compõem o ensino da língua materna (leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística), configurando-se em novas propostas curriculares e, por conseguinte, influenciado e modificado as práticas pedagógicas.

Assim, a forma de se conceber e de se compreender o processo de ensino e aprendizagem da língua materna vêm sendo transformada e novas discussões acerca do papel e função do ensino da gramática na escola, têm sido discutidas e modificadas.

Tomando por base a concepção de língua enquanto processo discursivo, como forma de interação social (GERALDI, 2006a e b; TRAVAGLIA, 1997; ANTUNES, 2003, 2007; POSSENTI, 1996, 2006a; NEVES, 2002; MENDONÇA, 2006a), novos

desafios são postos para o ensino de Língua Portuguesa: é preciso decidir sobre os novos conteúdos a serem ensinados, a(s) metodologia(s) e procedimento(s) didático(s) mais adequado à sua abordagem e, ainda, as formas de avaliar a aprendizagem.

Nesse quadro de rupturas e mudanças, Geraldi (2006a) pontua que o eixo que trata da análise e reflexão sobre a língua seria, ao lado da leitura e da produção de textos, a unidade de ensino em que se analisam os recursos expressivos da língua, considerada esta como uma produção discursiva. Desse modo, o trabalho com a análise linguística constitui-se como uma prática fundamental para que os alunos aprendam a língua materna refletindo sobre seus diversos usos.

Em meados dos anos 1980, além das contribuições advindas dos estudos da Linguística e da Linguística Aplicada, os estudos construtivistas também começaram a ser disseminados no Brasil e o ensino pautado na memorização e fixação dos conteúdos da gramática normativa, bem como a reprodução de atividades de escrita propostas pela escola até então, passaram a ser motivo de questionamentos entre estudiosos da língua e professores; no processo de ensino e aprendizagem, passou-se a considerar os conhecimentos prévios dos alunos e o papel do professor como mediador entre a reflexão acerca desses conhecimentos e aqueles que à escola cabia ensinar (MENDONÇA, 2006b).

Assim, a partir da virada pragmática no ensino de língua ocorrida nos anos 1980, novas perspectivas de ensino e aprendizagem da gramática também vêm sendo apresentadas e discutidas. Considera-se que é de fundamental importância que os alunos aprendam a língua portuguesa refletindo sobre seus usos através da articulação dos eixos didáticos que compõem o ensino de língua materna. Acredita-se que desse modo, é possível romper com a artificialidade quanto ao uso da linguagem que se instaura na sala de aula, oportunizando aos aprendizes a aquisição e o domínio efetivo da língua, tanto na modalidade oral como escrita.

Após vários debates travados acerca do ensino da gramática, motivados, segundo Franchi (2006), pela insuficiência das noções e procedimentos da gramática tradicional, da inadequação dos métodos de ensino, do esquecimento da oralidade, da ausência de um melhor entendimento entre os processos de produção e compreensão de textos, entre outros, concluiu-se que a discussão não deveria pautar-se em “se ela deve ou não ser ensinada” (seria um equívoco acreditar que ela deve ser retirada das aulas de

português, pois como bem disse Possenti (1996) e Geraldi (2006b), não existe língua sem gramática), mas “para quê e como ensiná-la”.

Mendonça (2006a) discorrendo sobre esse assunto enfatiza que é preciso considerar as questões relacionadas ao “para quê ensinar a gramática”, pois que suas respostas suscitam outras questões que se fazem necessárias refletir: “o quê ensinar, como ensinar e o que avaliar”. Assim como a autora supracitada, Possenti (2006a) também pontua que sob o entendimento de que a escola deve oportunizar ao indivíduo a apropriação de uma outra forma de expressar-se, reconsiderar o “que” vai ser ensinado representa parte da resposta do “para quê” ensinamos.

Diante desse novo entendimento sobre o que deveria constituir-se como o objetivo do ensino de língua materna na escola – a formação de leitores e escritores proficientes, críticos, ativos, atuantes – o “texto” passou a ser eleito como unidade didática na proposição de um ensino que buscava, agora, uma articulação entre os eixos da leitura, da produção textual e da análise linguística (GERALDI, 2006b).

Nesse sentido, ao contrário do que tem sido tomado como entendimento por parte de muitos professores, a gramática não deve ser eliminada da sala de aula, mas trabalhada num paradigma diferente, cujo objetivo principal deve estar centrado na reflexão “sobre elementos e fenômenos linguísticos e sobre estratégias discursivas com o foco nos usos de linguagem” (MENDONÇA, 2006b; p. 206).

De acordo com Travaglia (1997),

... trabalhando a gramática na perspectiva da interação comunicativa e do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, o professor consegue fazer uma real integração entre os diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna: ensino de gramática, leitura (compreensão de textos), redação (produção de textos orais ou escritos) e vocabulário, ao contrário da prática não textual em que eles são quase sempre estanques, sem qualquer inter-relação. (p.236)

Pesquisas realizadas por Silva (2008) e Bastos (2009), apontam que, embora sejam ensaiadas novas propostas para o trabalho com a língua materna nas escolas, propostas por especialistas (pedagogos, linguísticas, entre outros), o ensino na sala de aula têm se mostrado, de certa forma, ainda resistente às mudanças, sobretudo no que diz respeito ao eixo didático da análise linguística. Como coloca Mendonça (2006b) & Silva (2009), nesse contexto de rupturas e permanências, embora sejam notórias as

mudanças no ensino da língua materna referentes ao trabalho com a leitura e a produção de textos, o tratamento dispensado às atividades didáticas que buscam explorar, de forma sistemática, uma reflexão explícita e consciente sobre os fatos linguísticos, ainda é secundário. O que se pode constatar em grande parte das nossas escolas é uma prática ainda pautada no ensino tradicional da gramática normativa. Infelizmente!

No entanto, Morais (2000) convida-nos a olhar para um passado recente e verificar que nossas concepções sobre “língua”, “texto” e “gramática” foram mudadas assim como nossa maneira de conceber os processos de aprendizagem da leitura e da escrita. Desse modo, se faz necessário esclarecer que, embora a tradição normativa continue forte, pois como bem coloca Neves (2004, p. 58), “é difícil (não seria fácil!) vencer uma tradição de mais de vinte séculos, sobretudo, porque sob ela perpassam valores sociais e ideológicos que perduram”, parece que os ventos estão soprando e começam a mudar as direções...

- **A perspectiva da Análise Linguística**

Nas últimas duas décadas, devido às críticas relacionadas ao modelo de ensino da gramática, entre elas os resultados insatisfatórios evidenciados pelo ENEM¹ e SAEB² a aquisição das habilidades de leitura e escrita pelos estudantes, e constatações de inconsistências teóricas acerca de definições dos conteúdos da gramática normativa, tem se firmado um movimento de revisão dessa prática dando lugar a uma proposta de ensino baseada na análise e reflexão da língua (MENDONÇA, 2006a).

Diante da necessidade de se mostrar o que era feito antigamente e o que propunha que se fizesse, a partir de então, em relação ao ensino da gramática e, para firmar um novo espaço relativo a uma nova prática pedagógica, Geraldi, em artigo publicado no ano de 1984, cunhou um novo termo denominado “análise linguística³”.

Em conformidade com o referido autor essa expressão pretende:

... referir precisamente este conjunto de atividades que tomam uma das características da linguagem como seu objeto de estudo: o fato de poder remeter a si própria, ou seja, com a linguagem não só falamos

¹ ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

² SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica.

³ Também chamada de análise e reflexão sobre a língua, conhecimentos linguísticos, fatos linguísticos, dentre outras denominações semelhantes.

sobre o mundo ou sobre nossa relação com as coisas, mas também falamos sobre como falamos. (GERALDI, 2006b; pp.189-190)

Em consonância com o autor supracitado, Mendonça (2006a) acrescenta que esse termo “surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua” (p. 205). Essa autora ainda ressalta que:

Não se trata de um ensino “renovado” de gramática, ou do que se tem denominado recentemente de “gramática contextualizada”, mas de uma outra maneira de tratar os fenômenos linguísticos na escola. Essa outra perspectiva implica modificar certos modelos e concepções, operando mudanças profundas nos princípios gerais que norteiam o ensino da língua. (MENDONÇA, 2006b; pp. 96-97)

Nesse contexto, a língua passou a ser vista como uma ação interlocutiva situada, que a todo o momento e em qualquer circunstância, pode sofrer intervenções de seus falantes (MENDONÇA, 2006a). O eixo que trata da análise e reflexão sobre a língua, por sua vez, seria ao lado da leitura e da produção de textos, aquele em que se analisam os recursos expressivos da língua, considerada esta como uma produção discursiva; nele encontram-se englobados tanto os aspectos gramaticais como os discursivos e textuais, sob o olhar de um outro paradigma, já que os objetivos a serem alcançados são outros.

Dialogando com os referidos autores, Franchi (2006), acrescenta ainda que a gramática precisa ser entendida como “o conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação” (2006; p. 99).

Nessa perspectiva, o trabalho com a análise linguística pretende contribuir para a formação de leitores e escritores proficientes, capazes de produzir textos de gêneros variados, de acordo com a situação comunicativa a qual esteja participando. Desse modo, pode-se dizer, ainda, segundo Mendonça (2006b), que esse eixo didático é parte das práticas de letramento escolar, pois que consiste

... numa reflexão explícita e sistemática sobre a constituição e o funcionamento da linguagem nas dimensões sistêmica (ou gramatical), textual, discursiva e também normativa com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura/escuta, de produção de textos orais e escritos e de análise e sistematização dos fenômenos linguísticos. (op. cit., 2006; p. 208)

Morais & Silva (2002) também nos explica que, ao se tomar o texto como unidade de ensino das aulas de língua materna, passou-se a considerar tanto os conhecimentos referentes à notação escrita e à norma padrão como aqueles relacionados aos aspectos da textualidade. Assim, a análise linguística inclui tanto o trabalho sobre as questões tradicionais da gramática como questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações, etc. (GERALDI, 2006a; p. 74)

Como já discutido aqui nesse trabalho, defende-se no ensino do português, atualmente, a análise linguística como sendo uma prática fundamental para que os alunos aprendam a língua refletindo sobre seus usos, ao lado dos eixos didáticos da leitura e da produção de textos. Considera-se que esses eixos estão em constante relação e que, portanto, nenhum deles se constitui numa atividade à parte. Isso não quer dizer que não tenham sua especificidade, na verdade eles se “entrelaçam”.

Desse modo, o trabalho com a produção de textos orais e escritos, assim como o trabalho com a leitura, se constitui como um rico instrumento para explorar atividades de análise e reflexão sobre a língua.

Segundo Geraldi:

A reflexão linguística (...) se dá concomitantemente com a leitura, quando esta deixa de ser mecânica para se tornar construção de uma compreensão de sentidos veiculados pelo texto, e à produção de textos, quando esta perde seu caráter artificial de mera tarefa escolar para se tornar momento de expressão da subjetividade de seu autor, satisfazendo necessidades de comunicação à distância, ou registrando pra outrem e para si próprio suas vivências e compreensões do mundo de que participa. (p.73 apud SILVA, 2009; p.57)

Os estudos de Travaglia (1997), Geraldi (2006a), Mendonça (2006a), Possenti (2006b), entre outros já citados aqui, sugerem que a transformação do ensino da língua materna, cujo objeto privilegiado de ensino tem sido a gramática tradicional normativa, em um trabalho que possibilite ao aluno apropriar-se dos recursos expressivos da língua de forma reflexiva, significativa e contextualizada não é uma tarefa simples: é preciso decidir sobre os novos conteúdos a serem ensinados, a(s) metodologia(s) e o(s) procedimento(s) didáticos(s) mais adequados à sua abordagem e, ainda, as formas de

avaliar a aprendizagem, levando em consideração os objetivos e finalidades a que se propõe o seu ensino na escola.

]

Metodologia

Nesse estudo, realizamos uma investigação direta dos dados em seu ambiente natural e, desse modo, concentramos o foco de nossa pesquisa na observação das práticas pedagógicas de duas docentes que lecionavam em turmas do 2º Ano do 2º Ciclo do Ensino Fundamental das Secretarias de Educação das cidades do Recife e de Olinda, no período compreendido entre os meses de agosto a novembro de 2009, buscando compreender como ambas fabricavam suas aulas no tocante ao ensino da análise linguística.

Assim, nosso interesse residiu em apreender como as professoras estão se apropriando das novas prescrições para o ensino de língua e gramática e como estas se efetivam em suas práticas de sala de aula. Salientamos que a forma como as professoras estão sendo denominadas nesse estudo representa uma opção delas: ambas decidiram pela manutenção dos próprios nomes.

A professora de Recife, Elieci, na ocasião da realização da coleta de dados atuava pelo oitavo ano consecutivo como professora polivalente em turmas de 2º Ano do 2º Ciclo, no turno da tarde. A mestra possuía curso de magistério e licenciatura plena em Letras (esse último iniciado em 1998 e concluído no ano de 2002).

A docente que lecionava em Olinda chamava-se Ana. No período em que nós realizamos a coleta de dados em sua classe, a referida professora trabalhava como professora polivalente em uma turma do 2º Ano do 2º Ciclo, no horário da tarde, sendo aquele o segundo ano que ministrava aulas nesse nível de ensino. Ana havia concluído o curso de magistério no ano de 1994, no ano seguinte ingressou no curso de Pedagogia e, logo após especializou-se em Gestão Escolar, tendo concluído o curso no ano de 2002.

Como procedimentos metodológicos, realizamos:

Entrevistas - A opção por entrevistas assegurou-se pelo seu “caráter de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 33). As entrevistas possuíram um caráter semi-estruturado, exatamente por permitir que o pesquisador venha a conhecer mais particularidades a respeito dos entrevistados, bem como fazer as adaptações, quando

estas se fizerem necessárias e, neste caso, como as docentes concebiam o ensino de análise linguística.

Observações – Com a finalidade de conhecermos mais de perto a forma pela qual as mestras fabricavam suas práticas relacionadas ao ensino da análise linguística, optamos pela realização de observações da dinâmica da sala de aula por essas possibilitarem “um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado (...) e a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986; p. 26). Assim, ao observarmos a dinâmica de funcionamento da sala das professoras, fizemos uso, também, da gravação em áudio e de anotações no diário de campo.

Desse modo, cada um dos instrumentos elencados ajudou-nos a levantar os dados necessários para responder as questões levantadas nessa pesquisa.

Alguns resultados

Nas aulas construídas por Elieci e Ana não há espaço para a caracterização de suas práticas de ensino numa ou noutra perspectiva metodológica, visto que ambas recorriam a vários caminhos ao conduzir o processo de ensino-aprendizagem com os fenômenos linguísticos. Dito em outras palavras, ao explorarem as questões relacionadas ao eixo da análise e reflexão sobre a língua, as docentes buscavam conciliar em suas práticas os modelos de ensino tradicional da gramática e o estudo da língua através das práticas de análise linguística.

Tal postura assumida pelas docentes evidencia o momento de mudanças/transformações vivenciado por elas em relação aos objetivos que possuíam para o trabalho com a língua e com a gramática, na escola.

- **A natureza dos materiais didáticos selecionados para o trabalho com a análise linguística**

Durante as nossas investigações, verificamos que Elieci e Ana fizeram uso de materiais diversificados para explorar os aspectos linguísticos. Assim, com o objetivo de garantir uma melhor visualização dos dados relativos à diversificação dos recursos didáticos usados por elas, assim como a frequência de utilização dos mesmos, optamos

pela elaboração de uma tabela contendo essas informações, a qual nós apresentaremos, a seguir:

Tabela 1: Materiais didáticos utilizados pelas mestras

Materiais	Professora Elieci	Professora Ana
Dicionário	-	1
História em quadrinhos	1	1
Letra de música	2	1
Livro didático	1	5
Livro informativo	2	-
Livros de literatura	3	2
Panfletos	1	-
Poema	-	2

De acordo com os elementos supra-apresentados, verificamos que as docentes fizeram uso de diferentes materiais didáticos para explorar os conhecimentos linguísticos na sala de aula e que tais recursos contemplavam o trabalho com textos de diversos gêneros, sobretudo aqueles que faziam parte do cotidiano dos alunos e de significativa circulação social, como por exemplo, panfletos informativos do DETRAN, histórias em quadrinhos, letras de músicas, livros de literatura infantil, entre outros.

A opção das docentes pelo trabalho com diferentes gêneros textuais constituiu-se numa rica oportunidade para explorar questões referentes ao ensino da análise linguística, visto que elas os tomavam não apenas como objeto de uso, mas também, e principalmente, como objeto de ensino. Assim, as professoras tinham a oportunidade de propor a análise e a reflexão sobre os recursos empregados nos textos e que os caracterizavam como pertencendo a determinado gênero. Esse trabalho também possibilitava que as mestras propusessem situações de reflexão sobre as condições de produção textual e as escolhas linguísticas, considerando o funcionamento desses gêneros nas situações sociocomunicativas.

Mendonça (2006b), discorrendo sobre a importância do ensino da análise linguística a partir do trabalho com os gêneros textuais, afirma que “... a AL é crucial no trabalho pedagógico com os gêneros, já que possibilita uma análise sistemática e consciente sobre o que há de especial em cada gênero na sua relação com as práticas sociais de que fazem parte” (p.73).

Verificamos que ao trabalhar com textos de gêneros diversos, as professoras propuseram como atividades frequentes, a leitura de textos (interpretação e compreensão), a exploração dos suportes onde veiculavam os mesmos, suas

características estéticas, finalidades, funcionalidades e as estratégias de leitura, bem como a produção escrita e a exploração de alguns recursos linguísticos que elas pretendiam que os alunos consolidassem a sua aprendizagem.

Elieci e Ana também fizeram uso dos momentos de produção de textos para explorar alguns fenômenos linguísticos, os quais se constituíram como ricas oportunidades para promover a reflexão sobre os aspectos da textualidade, oportunizando aos alunos em condições reais, o desenvolvimento do seu potencial crítico-reflexivo e de adquirir novas formas de expressão e interação com seu interlocutor (GERALDI, 1997).

Ainda com base nos dados exibidos na tabela, constatamos que as docentes fizeram uso de alguns materiais em comum, como foi o caso dos livros de literatura, do livro didático, de atividades reprografadas para explorar histórias em quadrinhos, além das letras de músicas e poemas. Cabe aqui ressaltar que ambas fizeram uso desses materiais para abordar os conteúdos linguísticos tanto numa perspectiva mais reflexiva como também de maneira mais normativa/prescritiva.

Sobre os materiais didáticos selecionados para explorar os conhecimentos linguísticos, Elieci declarou abordá-los, basicamente, a partir dos textos lidos e produzidos em classe. Dessa forma, segundo ela, propunha a exploração dos aspectos linguísticos a partir dos livros de literatura da biblioteca circulante, do seu acervo pessoal e, ainda, dos livros de fábulas que os alunos haviam recebido da prefeitura do Recife, de textos informativos, de atividades xerocadas, dentre outros suportes.

Elieci, exemplificando o que fazia a partir desses materiais, explicou que explorava o gênero textual, a leitura/escuta para, de forma simultânea ou posteriormente, explorar a interpretação e compreensão dos mesmos, os significados de palavras a partir do contexto em que haviam sendo empregados, os conectivos e os elementos utilizados para causar os efeitos de sentido neles impresso. A mestra relatou ainda que, devido à dificuldade que sentia em trabalhar alguns conteúdos da gramática de forma articulada ao texto, buscava nos exercícios de análise morfológica, explorar tais assuntos, principalmente aqueles pertencentes às classes das palavras.

A professora Ana, por sua vez, no momento da entrevista afirmou que o livro didático se configurava como sendo “basicamente o único” recurso didático utilizado por ela para trabalhar no eixo da análise linguística. Tal recurso didático era utilizado por ela como suporte à elaboração do seu planejamento, para a seleção dos conteúdos

gramaticais a serem abordados no trabalho com a língua, e serviam como modelos de atividades a serem explorados com os alunos.

Esse fato, no entanto, não se confirmou durante as nossas investigações, pois como verificamos, ela explorou os conhecimentos linguísticos a partir de outros materiais e eixos didáticos também, conforme podemos constatar na tabela 1.

Supomos que essa afirmação da mestra pode de algum modo, ter a ver com a ideia, ainda não consolidada, de que trabalhar a análise linguística é explorar os conteúdos da gramática normativa. Pensamos, ainda, que essa pode ser a razão de ela não considerar o ensino dos fenômenos linguísticos a partir de outros suportes e de forma articulada aos eixos da leitura, produção de textos e da oralidade, conforme observamos ela fazer em suas práticas, durante as aulas que nós acompanhamos.

Nesse sentido, as duas mestras guardaram algumas semelhanças em relação à seleção dos materiais didáticos utilizados para o ensino dos conhecimentos linguísticos, ainda que a maneira de utilização dos mesmos tenha sido variada. Assim, era muito comum (como já explicitado na tabela 1) as mestras fazerem uso de textos do universo infantil e da tradição oral como os poemas, letras de músicas, entre outros, para trabalhar os conteúdos da gramática como também, para explorar os aspectos referentes ao plano textual e discursivo, a partir de atividades de interpretação e compreensão dos mesmos, com foco nos sentidos de palavras desconhecidas pelos alunos. Ambas cuidavam, ainda, de refletir sobre questões voltadas para a pontuação, a ortografia de algumas palavras através de explorações de rimas e aliterações, e da concordância.

Assim, percebemos nas práticas das mestras as suas tentativas em explorar os conteúdos gramaticais de forma mais reflexiva e funcional.

O ensino dos fenômenos linguísticos a partir dos manuais didáticos

Durante as nossas observações, verificamos que em suas rotinas as professoras não faziam uso do livro didático escolhidos pela rede de ensino nas quais elas lecionavam. Desse modo, os manuais utilizados pelas docentes pertenciam aos seus acervos pessoais e suas propostas de trabalho refletiam, em parte, aquilo que era preconizado pelos livros adotados.

Com relação à professora de Recife, observamos que a mesma fazia uso de dois livros didáticos: um deles era utilizado a título de informações acerca dos conteúdos gramaticais a serem explorados no nível/série que ela estava trabalhando e o outro,

fornecia “pistas” sobre as formas de abordá-los na sala de aula. Elieci fazia uso das atividades do primeiro manual mencionado – *Descobrimo a gramática* – como sugestão para elaborar os exercícios que propunham para os alunos e, também, para reproduzir atividades que servissem para abordar algum conteúdo que ela estivesse trabalhando na classe.

Durante as nossas observações, podemos perceber que a mestra, após explorar a leitura e a produção de um texto, bem como os recursos linguísticos e textuais neles empregados, ela propunha atividades que tinham como objetivo fixar a aprendizagem de alguns conteúdos da gramática normativa. Embora Elieci parecesse ter clareza da limitação desse tipo de ensino, ainda assim investia nessa prática por uma questão ligada a uma tradição escolar e para dar conta das “cobranças” feitas pelos pais dos alunos sobre os assuntos relativos à disciplina Língua Portuguesa, conforme nos relatou durante a entrevista.

Desse modo, como atividade final de exploração de um gênero textual através da leitura e da produção de textos, a mestra propunha exercícios de treino, memorização e fixação dos conteúdos gramaticais abordados. Tais exercícios pareciam seguir o modelo daqueles presentes nos manuais didáticos mais tradicionais. Uma vez que a mestra não fazia uso de nenhum livro didático no momento em que escrevia as atividades no quadro, pudemos inferir que a mesma recorria às suas memórias no momento em que pensava no exercício a ser trabalhado na classe. Ainda com o objetivo de aproximar a sua prática daquela proposta pelos discursos oficiais vigentes para o trabalho com a língua, Elieci buscava articular o assunto estudado com o exercício escrito, fazendo uso de frases e palavras extraídas do texto para explorar exercícios de análise morfológica e de classificação das palavras quanto ao gênero, número e grau.

Essa dinâmica foi por nós constatada na aula que ministrou no dia 21/09/2009. Após realizar a leitura de um texto informativo do DETRAN e de explorar questões relacionadas à interpretação e compreensão do texto e alguns aspectos linguísticos de forma articulada a esse suporte, Elieci escreveu um exercício no quadro para que os alunos o copiassem em seus cadernos, com o objetivo de que os mesmos consolidassem a aprendizagem de algumas categorias gramaticais exploradas por ela, em outras aulas que havia ministrado. Vejamos a reprodução dessa atividade, a seguir:

Exercício

1º) Substitua os termos grifados pelo pronome pessoal do caso reto adequado:

- a) Teco andava pela rua e via gente andando ligeiro.
- b) Teco e Onofre conversam muito.
- c) As casas eram grandes e tinham aberturas laterais para o acesso à carruagem.

2º) Identifique as classes das palavras e indique o gênero e o número dos substantivos, adjetivos e artigos:

- a) O boné apareceu na neblina.
- b) Na cidade não havia semáforo.
- c) Teco viu muitas coisas diferentes.
- d) Lila ficou toda alegre.

Como podemos verificar, embora o exercício proposto pela mestra não tivesse sido retirado do manual didático que ela possuía como apoio à fabricação de suas aulas com os fenômenos linguísticos, quando sentia necessidade de consolidar a aprendizagem de determinados conteúdos da gramática, recorria aos modelos nele encontrados ou, ainda, às suas memórias enquanto aluna que foi e de suas experiências enquanto docente, em anos anteriores, para fabricar os exercícios.

Já a professora de Olinda, tinha o manual didático como organizador de sua prática e “guia” de suas aulas, conforme já pontuamos. Desse modo, a mestra o utilizava tanto para selecionar os conteúdos a serem trabalhados durante o ano letivo, como, também, para decidir a sequência e progressão de abordagem dos mesmos. Durante o desenvolvimento das suas aulas, observamos que Ana fez uso do livro didático de forma bastante significativa e que preferiu abordar os conteúdos relacionados às classes das palavras (substantivos, adjetivos, verbos) a partir desse suporte e através de atividades de treino e memorização, escritos no caderno.

Vejamos a seguir, um dos exercícios propostos pela mestra ao trabalhar com os verbos:

Atividade de Português

1º) Leia as frases abaixo. Depois sublinhe o verbo em cada uma delas:

- a) O bombeiro apaga o fogo.
- b) Daniela gosta de sorvete.
- c) O cabeleireiro corta os cabelos.
- d) A costureira costura os vestidos.

- e) Ele viajará de ônibus.
- f) Marquinhos acordou cedo.
- g) Os alunos são estudiosos.

2º) Escreva uma frase com um verbo que indique:

- a) Ação –
- b) Estado –
- c) Fenômeno da natureza –

O exercício apresentado foi proposto posteriormente à explanação oral do conteúdo presente na referida atividade, o qual figurava no manual didático da mesma forma em que foi escrito no quadro pela professora para que os alunos o escrevessem em seus cadernos. No entanto, essa não era a única tática utilizada pela docente ao explorar os exercícios presentes nesse suporte. Pelo contrário! Percebemos que ao fazer uso desse recurso em outros momentos, ela alterou a ordem dos quesitos e as frases dispostas nas atividades, bem como suprimiu alguns deles e/ou ainda os reinventou, em busca de alcançar o seu objetivo naquele momento.

Temos como hipótese que o fato de ter conhecimento das propostas atuais para o trabalho com os fenômenos linguísticos, justifica essa dinâmica utilizada pela mestra, a qual traduz, ainda, a sua busca por alternativas onde o ensino dos conteúdos da gramática acontecesse a partir *do* e *no* texto.

Algumas considerações

Nas aulas construídas por Elieci e Ana não há espaço para a caracterização de suas práticas de ensino numa ou noutra perspectiva metodológica, visto que ambas recorriam a vários caminhos ao conduzir o processo de ensino-aprendizagem com os fenômenos linguísticos. Tal postura assumida pelas docentes vem corroborar com a colocação de Mendonça (2006a) de que “quando se trata do que acontece na sala de aula, não há padrões inflexíveis, modelos fixos” (p. 200). Dito em outras palavras, ao explorarem as questões relacionadas ao eixo da análise e reflexão sobre a língua, as docentes buscavam conciliar em suas práticas os modelos de ensino tradicional da gramática e o estudo da língua através das práticas de análise linguística.

Assim, pudemos verificar que na condução de suas aulas Elieci e Ana propuseram atividades diversificadas com a leitura e a produção de textos e que nesses momentos, exploraram vários aspectos discursivos, textuais e gramaticais, sendo esse

último aspecto bastante enfatizado por ambas. Observamos que a professora Elieci explorou os conhecimentos linguísticos, geralmente, de forma articulada aos outros eixos didáticos da língua e que para tal, fez uso de diferentes materiais didáticos. Desse modo, a docente procurava escolarizar as práticas sociais de leitura, desenvolvendo atividades que pretendiam a exploração de diversos gêneros textuais com finalidades distintas, buscando sempre uma articulação entre suas características e a reflexão sobre os aspectos textuais, discursivos e gramaticais neles empregados.

A professora Ana, por sua vez, também explorava os conhecimentos linguísticos a partir de variados recursos textuais e numa perspectiva próxima ao que era sugerido pelo livro didático que ela utilizava como apoio à fabricação de suas aulas, embora essa não tenha sido essa a única tática utilizada por ela para abordá-los. Tais comportamentos das mestras evidenciam o momento de mudanças/transformações vivenciado por elas em relação aos objetivos que possuíam para o trabalho com a língua e com a gramática, na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino; 5)
- _____. **Aula de Português:** encontro e interação. São Paulo. Parábola Editorial, 2003. – (Série Aula; 1)
- BASTOS, D. M. **Ensino de análise linguística:** modos de fazer, modos de pensar de professores do ensino médio. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- FRANCHI, C. Mas o que é mesmo “gramática”? In: POSSENTI, S. (Org.). **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006a, pp. 39-46.
- _____. Unidades básicas do ensino de português In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006b, pp. 59-79.
- LÜDKE, M e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, M. Análise Linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: Clécio Bunzen e Márcia Mendonça (orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006a.

_____, Análise Linguística: Refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In SANTOS, Carmi, MENDONÇA, Márcia, CAVALCANTE, Marianne (org.). **Diversidade Textual: os gêneros na sala de Aula**. Belo Horizonte: Autentica, 2006b, p. 73-88

MORAIS, A. G. **Monstro à solta ou... “análise linguística” na escola: Apropriações de professoras das séries iniciais ante as novas prescrições para o ensino de “gramática”**. Anais da 25ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu: ANPEd, 2000.

MORAIS, A. G. e SILVA, A. Produção de textos escritos e análise linguística na escola. In: Telma Ferraz Leal e Ana Carolina Perrussi Brandão (orgs). **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte; Autêntica, 2002, pp 135-149.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

_____. Sobre o ensino de português na escola. In GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006a, pp.32-38.

SILVA, A. **Entre “ensino de gramática” e “análise linguística”**: um estudo sobre mudanças em currículos e livros didáticos. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SILVA, N. I. **Ensino tradicional de gramática e práticas de análise linguística na aula de português**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, CAC, Letras, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1997.